

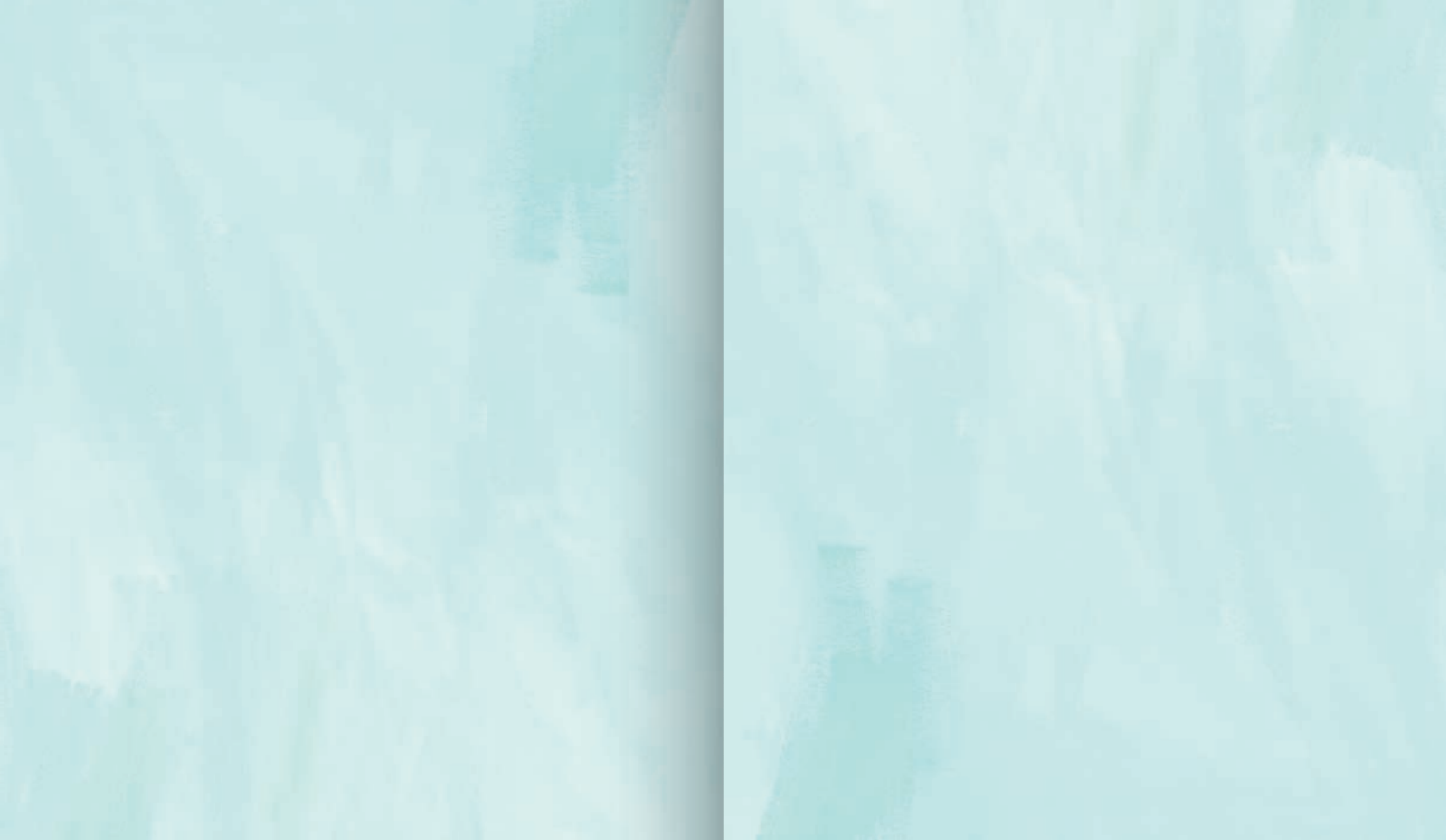
# MOGI DAS CRUZES

A CIDADE DA GENTE

JOSÉ SANTOS, SELMA MARIA E ESTUDANTES  
DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE MOGI DAS CRUZES

ILUSTRAÇÕES DE NARA ISODA E OLAVO COSTA





# MOGI DAS CRUZES

A CIDADE DA gente

JOSÉ SANTOS, SELMA MARIA E ESTUDANTES  
DAS ESCOLAS ESTADUAIS DE MOGI DAS CRUZES

ILUSTRAÇÕES DE NARA ISODA E OLAVO COSTA



  
OLHARES

São Paulo 2021



A Kimberly-Clark, multinacional norte-americana de produtos de higiene pessoal, com 150 anos de atuação, tem como visão liderar o mundo no que é essencial para uma vida melhor. Nossos produtos, por meio das nossas marcas Huggies, Scott, Neve, Kleenex, Plenitud e Intimus, estão na casa de um quarto da população mundial e se tornaram indispensáveis na vida das pessoas, fazendo parte da rotina de cuidado de cada um.

Um dos principais valores da Kimberly-Clark é o cuidado, que nos inspira e direciona a pensar no futuro das próximas gerações. O projeto A cidade da gente está alinhado ao nosso valor já que há alguns anos vem olhando para o futuro das crianças de escolas públicas, incentivando a escrita e a leitura, além de contribuir para o desenvolvimento de atributos como a criatividade e reforçar os laços com o lugar que vivem para uma maior identidade de pertencimento.

Ao apoiar essa iniciativa, a companhia reafirma seu compromisso em contribuir para o desenvolvimento de um mundo melhor para as crianças e também para todos os moradores de Mogi das Cruzes, cidade onde está localizada uma de nossas fábricas. Muitos desses moradores são nossos colaboradores, e promover o bem-estar e cuidados deles e de suas famílias também faz parte dos nossos valores.

Desejamos que este livro, que contou com a colaboração de profissionais e estudantes, possa chegar a muitas crianças e, assim, cumprir seu principal objetivo de despertar o interesse pela leitura, cultura e história da sua cidade e a identificação do seu papel da comunidade.

Uma ótima leitura!

**Kimberly-Clark Brasil**

## Sumário

- 10 Patrimônio edificado
- 18 A nossa biblioteca
- 20 Lendas urbanas
- 28 Hospital Dr. Arnaldo e seu bosque
- 32 Santo Ângelo
- 34 Imigração japonesa
- 46 Festa do Divino
- 52 Escultores da cidade - Lúcio e Rodrigo Bittencourt
- 56 Parque Centenário
- 62 A natureza, nosso maior patrimônio
- 70 Saguí e outros bichos
- 74 Orquídeas





## Mais um olhar para Mogi

Quando a luz dos nossos estudantes encontra um espaço para brilhar, um mundo inusitado e cada vez mais colorido aparece nesse vasto universo da criatividade e do conhecimento, que sempre nos leva a um outro modo de olhar para tudo ao nosso redor. São sabores, cores, texturas e sons da juventude na condução de uma nova história que contamos, tecemos e contextualizamos em nosso cotidiano.

Foi nesse ambiente iluminado pelos estudantes e com um imenso orgulho de falar, ler e escrever sobre nossa cidade, que nos reencontramos com nossas identidades espalhadas por toda essa terra mogiana. Foram encontros fantásticos com nossas memórias e histórias que fortaleceram ainda mais nosso pertencimento social e cultural, que cantado em prosa e verso nesse livro, dá voz à juventude desse lugar.

A importante vivência na elaboração desse livro oportunizou a todos a incrível jornada pelas trilhas da leitura, da escrita e da proficiência, conectando o texto com o contexto das muitas histórias desse lugar por aqui contadas. É por essa viagem que todos os leitores irão passar e terão ainda espaços para contar, recontar e recordar outras histórias que aqui não apareceram. Nosso agradecimento a todos por esse trabalho.

Diretoria de Ensino Região Mogi das Cruzes

Localizada a aproximadamente 65 quilômetros da capital paulista, Mogi das Cruzes compõe o grupo de municípios que formam o Alto Tietê, região próxima à nascente do Rio Tietê. A cidade, com cerca de 450 mil habitantes, é cortada pelas serras do Mar e do Itapeti.

Nosso município é o segundo maior da Região Metropolitana da Grande São Paulo e suas principais atividades econômicas são indústria e agricultura, sendo uma das cidades integrantes do Cinturão Verde de São Paulo.

Mogi das Cruzes é também uma cidade histórica: foi fundada em 1º de setembro de 1560, e em 2020 fez 460 anos. Seu povoamento se deu na colonização no início do século XVII, quando ali se formou um pequeno povoado de passagem para as pessoas que se dirigiam a Minas e ao litoral.

O nome Mogi vem de M'Boigy, que significa "rio das cobras", e o povo originário daqui pertencia à tribo indígena Guaianás. E o "das Cruzes" se refere aos marcos em forma de cruzeiros colocados nos caminhos pelos viajantes.

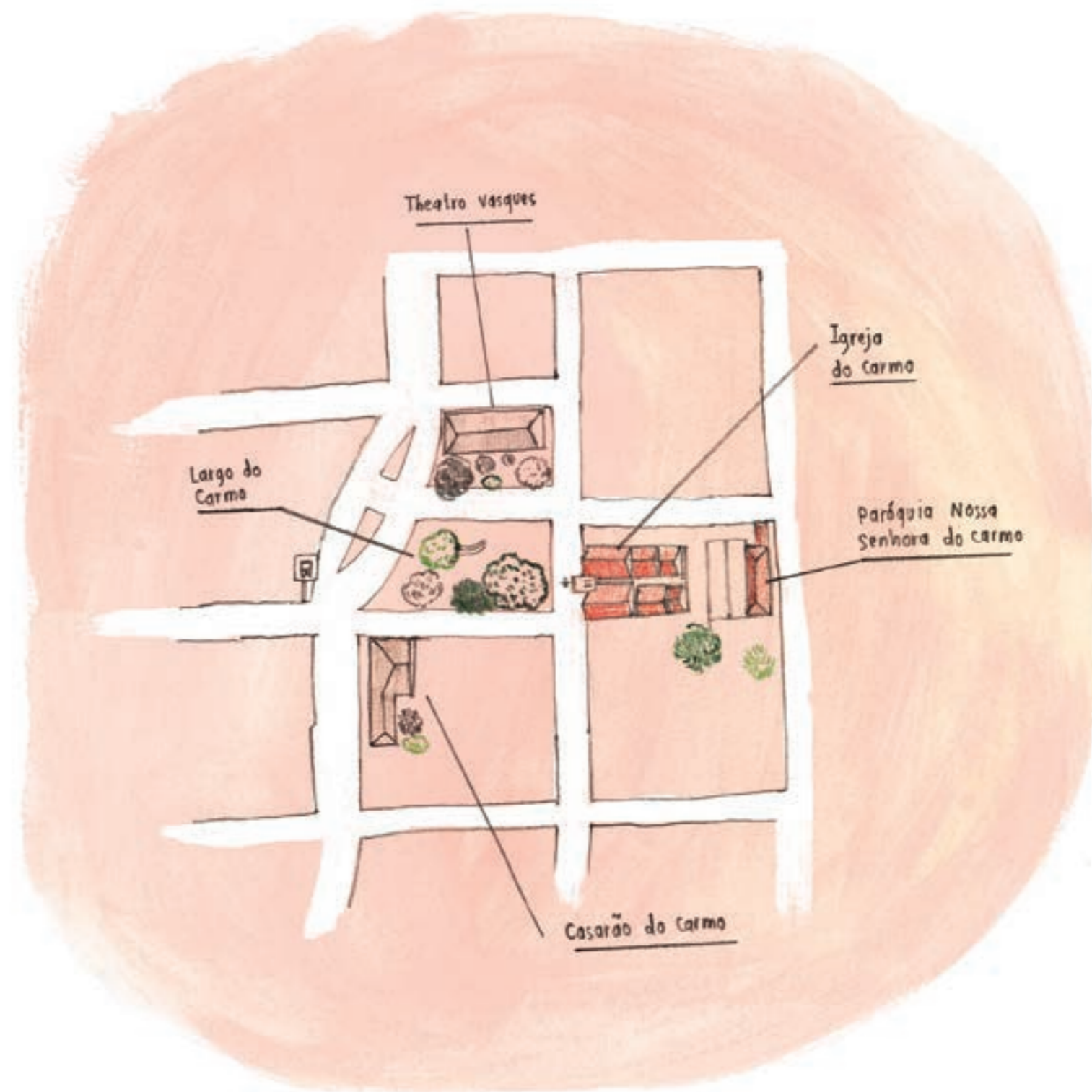
Para fazer este livro, alunas e alunos dos 6<sup>os</sup>, 7<sup>os</sup> e 9<sup>os</sup> anos de quatro escolas do ensino público estadual – Escola Prof. Francisco de Souza Mello, Escola Prof. Firmino Ladeira, Escola Prof<sup>a</sup>. Josephina Najar Hernandez e Escola Prof<sup>a</sup>. Lucinda Bastos – escreveram de suas casas (porque estávamos em distanciamento social por conta da pandemia do coronavírus), redações e poemas, e contam de uma maneira muito singular o que eles aprenderam sobre onde moram, estudam, vivem.

Por fim, deixamos aqui um agradecimento especial a todos os sujeitos das escolas que participaram do projeto incentivando, propondo atividades de leitura e escrita à distância neste momento tão delicado pelo qual todos nós, crianças e adultos, passamos.

## Patrimônio edificado

Uma construção pode guardar por muitas gerações histórias marcantes que aconteceram em sua cidade. Quando tem essa característica, ela passa a ser chamada de "patrimônio edificado de uma cidade". Mogi das Cruzes tem vários desses tesouros, especialmente no centro, bem no miolo de onde nossa cidade nasceu.

Esse lugar é conhecido como Largo do Carmo. Ali estão as primeiras construções históricas de Mogi, que foram tombadas, ou seja, registradas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan): o conjunto formado pelas Igrejas da Ordem Primeira e Terceira do Carmo. Isso aconteceu em 1967.





O quadrilátero do Largo do Carmo é formado por muitas construções. A coordenadora Denise Rodrigues Benites e as professoras Ediane Carvalho Prado de Souza, Eliane Cristiane Bezerra Brandão, Denise Gallo e Sonia dos Santos Silva, da Escola Prof. Firmino Ladeira, trabalharam esse tema com seus alunos, e eles fizeram vários poemas em forma de acrósticos. Eliane se empolgou e também fez o seu poema sobre o Theatro Vasques. Veja só:

#### Theatro Vasques

Teatro visto com elegância  
Encontros com tantas emoções  
Apresentações na minha adolescência  
Tão grandes em realizações  
Registros tão brilhantes de experiência  
Ontem e ainda hoje que comovem corações

Vitória em histórias  
Amores e dores tão encantadores  
São representadas suas trajetórias  
Que nos fazem crer em amores  
Uns deixaram até dedicatórias  
Em um universo de espectadores  
Sentimentos registrados em nossas memórias

E uma das alunas do 6º ano B, Mariana de Moraes Cardoso, fez este lindo poema sobre o Casarão:

Casarão do Carmo  
Mogi das Cruzes  
Tem a igreja do Carmo a iluminar  
Com suas luzes  
Ela vai nos abençoar.

E nesse mesmo lugar  
O casarão do Carmo está  
Ele nos faz nos interessar  
Pelos lugares que já foi lá.





O Casarão do Carmo foi construído no século XIX para servir de residência a uma importante família da cidade. Mais tarde, abrigou diversas atividades culturais e comerciais. Até que, em 1980, foi desapropriado e restaurado pela prefeitura municipal, e passou a funcionar somente para atividades culturais.

Ele foi feito com uma técnica de construção que é utilizada desde a Antiguidade, a taipa de pilão, trazida pelos portugueses durante o período colonial. As construções de taipa são marcantes em nossas primeiras cidades. Ainda bem que várias foram preservadas.

A professora Eliane Bezerra, da Escola Prof. Firmino Ladeira fez entrevistas com seus alunos do 6º ano e descobriu que o avô de um deles foi velado no Casarão, mas essa é outra história.

No Mercado Municipal (Mercadão), todos os alunos já foram, e cada um traz uma memória de lá. O sabor do pastel e o caldo de cana são os preferidos de todos, mas do cheiro do peixe ninguém gosta muito de lembrar. O aluno Pedro Gabriel Santana dos Santos do 6º ano A da Escola Prof. Firmino Ladeira, fez este poema que mostra tudo o que se encontra lá:



## O Mercadão

Maravilha de Mogi  
Encontra tudo o que precisa  
Rapadura, batata e queijo  
Confeitaria e varejo  
Dia, tarde, fila  
Mamão, banana, flor e peixaria  
Ouça o som! Aglomeração  
O som de vozes falado nesse lugar  
É tão grandioso  
Dá até uma emoção  
Que gratidão por existir esse lugar  
A cultura deste lugar dá pontadas fortes no coração  
De muita emoção  
No olfato vem aquele cheiro bom  
De queijo, flor e mamão  
Venha degustar delicias  
Do Mercadão, eu garanto  
Que você não vai se arrepender não  
Beijos no seu coração



## A nossa biblioteca

Inaugurada em 1948, a Biblioteca Municipal de Mogi das Cruzes já esteve em vários lugares de nossa cidade, inclusive no Casarão do Carmo. Hoje ela está localizada no centro histórico da cidade, no segundo andar do Centro Cultural de Mogi das Cruzes.

Por muitos anos, a Biblioteca foi um ponto de encontro importante dos jovens da cidade, onde eles podiam fazer suas lições de casa e pesquisar diversos assuntos. Era um ponto cultural de Mogi muito frequentado pelas nossas professoras quando eram alunas. A coordenadora Denise Rodrigues Benites, da Escola Prof. Firmino Ladeira, diz assim:

Me lembro com orgulho daquela imensa biblioteca no centro da cidade, ficava encantada com ela, com os livros, e ansiosa para fazer o próximo trabalho!

São tantas memórias bonitas que as pessoas guardam desse lugar que Denise fez um interessante poema sobre ela.



Lugar misterioso

Já foi churrascaria e velório  
Mas em um tempo glorioso  
Como Biblioteca, por muito tempo  
ficou, assim majestoso  
Minha infância e adolescência  
Por lá passei  
Livros, folhas e mais folhas  
Todas escritas à mão  
Amigos e irmão por lá também passaram  
Lembranças de um tempo  
E de momentos vividos por muitos que lá pisaram  
Buscando conhecimento  
Que fosse para o momento  
Ou futuro empoderamento  
Sempre vou me lembrar  
Amigos, irmão, e das folhas escritas à mão.



## Lendas urbanas

Lendas de saci que circula nas florestas são sempre as mais conhecidas das crianças. Antes de inventarem a cidade, o mato, com sua escuridão e sons desconhecidos, era perfeito para transformar qualquer coisa que fosse vista em um monstro solto na floresta.

Mas as pessoas criaram outro espaço de morar, a cidade, e trouxeram junto a imaginação, que entrou até no banheiro e viu uma loira que assombra muita gente. De boca em boca, a história fez sucesso e está aí até hoje. E muitas outras lendas foram criadas dentro das cidades, mas fora dos banheiros. São as lendas urbanas.



Aqui na nossa cidade nascem muitas lendas que são passadas de geração em geração. As professoras Rita Ribeiro e Adriane Luiza Mascarenhas R. de Lima e seus alunos da Escola Professora Lucinda Bastos, Christopher da Gama Belusso Provenzano, Jamile da Silva Nascimento, Nathaly de Souza Santos e Sofia Vitória da Silva, produziram textos muito interessantes sobre o tema. Escolhemos a lenda da Menina da Pipoca para pipocar primeiro por aqui. É mais um que dá até medo de falar: A Procissão dos Mortos.





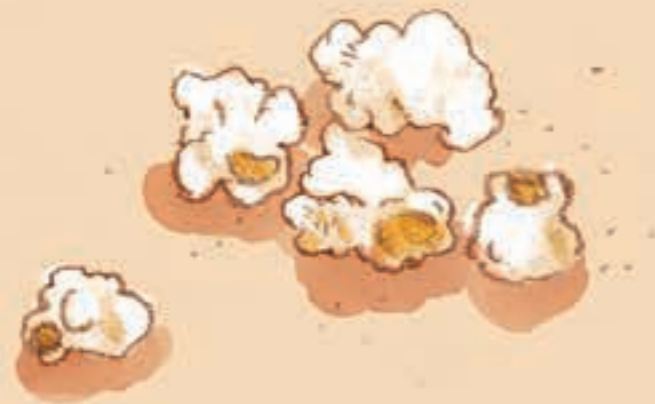
Começamos pela mais original, nascida aqui na cidade. Essa lenda tem origem no século XIX, mas é comentada até hoje. Para você ter ideia, o túmulo da Menina da Pipoca, que está no cemitério São Salvador, é o mais visitado da cidade.

O nome da Menina da Pipoca era Benedicta Georgina de Mello Freire. Ela teria morrido com dois anos de idade, engasgada com uma pipoca, no distante ano de 1879. Mas por que isso aconteceu?

Ela estava em casa com a mãe, quando ouviu cantos e batuques. Foram ver o que era pela janela. Era a procissão de São Benedito, e Benedicta pediu à mãe para descer e acompanhar o cortejo, mas ela disse não. No fundo, a mãe não queria que a filha visse a celebração de um santo negro, ainda mais acompanhado por muitos devotos escravizados.

Para distrair a filha, mandou fazer pipoca para ela. Mal sabia que surgiria naquele momento um dos casos mais famosos do folclore mogiano.

Quando a menina mastigou a primeira pipoquinha, engasgou e morreu por falta de ar. Dizem que isso foi um castigo que São Benedito deu à família. Será que ele é mesmo vingativo? Será o Benedito?



A menina foi sepultada sob uma lápide que parece um berço e ganhou uma escultura, deitada de bruços, com a frase escrita: "O sono da inocência". Contam que, a partir daí, quem rezava por ela ganhava graças e milagres. A fama cresceu e dura até hoje: todos os anos, no dia de Finados, a fila é grande para deixar em seu túmulo flores, velas e pipocas.



É agora, aquela outra lenda que a gente evita falar o nome... A história é assim: aqui em Mogi, há muitos anos, um padre encontrou uma paroquiana na rua. Aproximou-se dela, cumprimentou-a e a abençoou. Bem nervoso, disse a ela que fosse imediatamente para casa, que trancasse as portas, as janelas, e que não saísse mais dali enquanto estivesse escuro. Só poderia botar o nariz para fora depois que a Procissão dos Mortos passasse.



A mulher, assustada, fez tudo que o padre mandou, mas de madrugada ouviu um barulho: passos, vozes, cantos. E a curiosidade venceu o medo. Ela pegou uma blusa, pôs um véu na cabeça e abriu a janela. Vapt! Duas mãos agarraram seu pescoço.

Imediatamente, um horripilante membro do cortejo foi até a janela e colocou uma vela acesa em sua mão. Ao segurar a vela, ela se transformou numa estátua de pedra.

E a coisa ainda piora. No dia seguinte, a história correu a cidade, e todos foram até sua casa. O povo ficou chocado com o que viu. E principalmente com o que não viu: a mulher de pedra havia sumido, sobrando apenas seu colar na janela. E no chão, caído, estava um único osso, todo branco. Era o fêmur, um osso da perna, brilhando ao lado de uma vela. Será que foi a vela dada de presente pelo esqueleto da tenebrosa procissão das almas?



## Hospital Dr. Arnaldo Pezzuti Cavalcanti e seu bosque

Dr. Arnaldo sempre é muito lembrado por aqui. Tem este lindo cenário é cheio de flores e árvores que agradam a população. É que amam o hospital de montão.

Nicolly Pereira da Jesus, do 7º ano D, e Milleny Caroline Lopes da Silva, do 7º ano B, da Escola Profª. Lucinda Bastos, gostam muito de escrever e, orientadas pela professora Rita Ribeiro, fizeram esse poema.

Elas moram e estudam no bairro Jundiapéba e gostam muito de passear nesse lugar, uma vila que foi construída em 1928, com 611 mil metros quadrados. É uma área verde grande e bonita, muito frequentada para caminhadas e brincadeiras.

Essa vila foi criada para receber pessoas do Brasil inteiro que tinham uma doença chamada hanseníase ou lepra. E toda a movimentação girava em torno do hospital que foi construído ali e tinha o nome de Leprosário Santo Ângelo.

Na década de 1980, já dedicado a outras áreas médicas, ele passou a ser chamado de Hospital Dr. Arnaldo Pezzuto Cavalcanti. Hoje em dia, atende crianças e adultos em especialidades como fisioterapia e reabilitação.



Além do hospital, a vila tem algumas casas, salão de festas e um lindo bosque, que é a alegria da criançada. E também um cineteatro que foi projetado pelo famoso arquiteto Rino Levi. Esse espaço mostrava filmes e shows e era palco para os moradores se apresentarem.

Por causa das tantas histórias que marcaram as pessoas que viveram e se trataram ali, em 2018 o Hospital Dr. Arnaldo foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) do Estado de São Paulo.

As crianças adoram ir ao bosque do Hospital para se divertirem e brincarem na natureza, e os estudantes da professora Rita Ribeiro da Escola Prof<sup>a</sup>. Lucinda Bastos contaram uma história divertida de lá:

Gostamos muito de morar aqui perto do Hospital porque tem muitas árvores. E lá tem um campo de futebol bem grande, mas somente times de fora, de adultos, é que podem usá-lo. Quando percebemos que os guardas estão distraídos, entramos no campo para brincar e eles acabam deixando a gente ficar.

## Santo Ângelo

A aluna Pietra Emanuely Mota da Silva, do 6º ano C da Escola Professora Lucinda Bastos, nos contou uma história engraçada que ouviu da sua mãe, sobre o santo que batizou o hospital Dr. Arnaldo. E a Pietra fez isso em versos, imaginem só!

Minha mãe me contou,  
que a sua avó contou,  
a história do Santo Ângelo.

Numa época de pouca chuva,  
o povo pediu ao santo para que chovesse,  
pois sem chuvas, a verdura não ia brotar.  
Prometeram uma procissão realizar.

Com a chegada da chuva, foram a promessa pagar.  
Vieram em procissão, da Capela de Santo Ângelo  
até a Igreja Matriz da cidade.

Com tanta alegria pela chuva abençoada,  
Acabaram deixando a imagem na Igreja.  
Quando um dos devotos se lembrou  
Retornou para buscar.

Qual não foi a surpresa,  
O santo não estava mais lá.  
Com os seus pés sujos  
Foi encontrado em seu altar.

Muito legal esse jeito de contar  
uma história, em versos e com rimas  
aparecendo em muitos momentos,  
ajudando a dar um ritmo nessa aventura  
do santo, que voltou misteriosamente  
para sua capela.

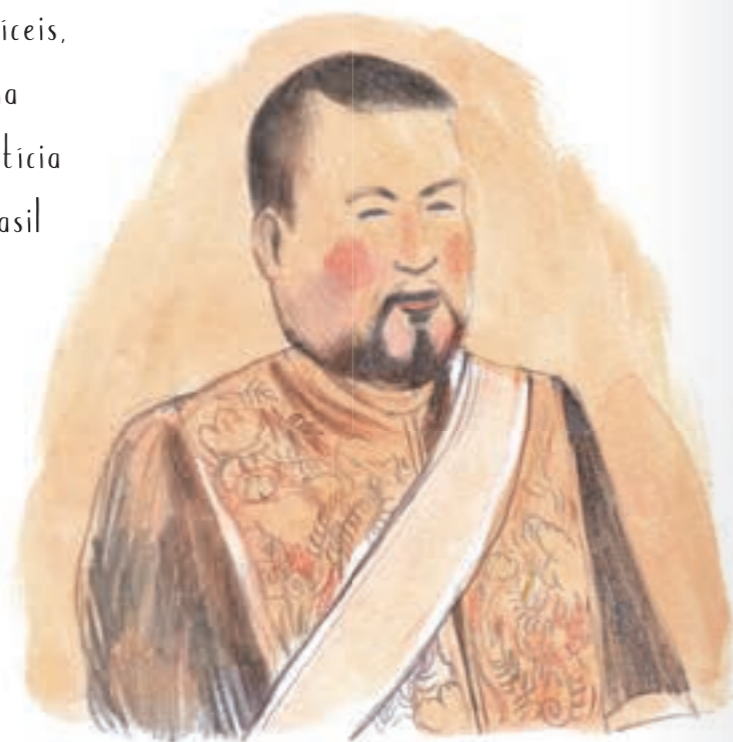


## Imigração japonesa

Atualmente, o Brasil abriga a maior população de origem japonesa fora do Japão, com cerca de 1,5 milhão de nikkeis, palavra que os japoneses e seus descendentes usam para se denominar.

Tudo começou em 1905, quando o ministro japonês Fukashi Sugimura visitou nosso país. Ele se encantou com tudo que tinha aqui, e esse foi o marco zero dessa união histórica, que já dura 113 anos.

Os japoneses viviam dias difíceis, pois seu país passava por uma longa crise econômica, e a notícia de que havia trabalho no Brasil gerou muitas esperanças.

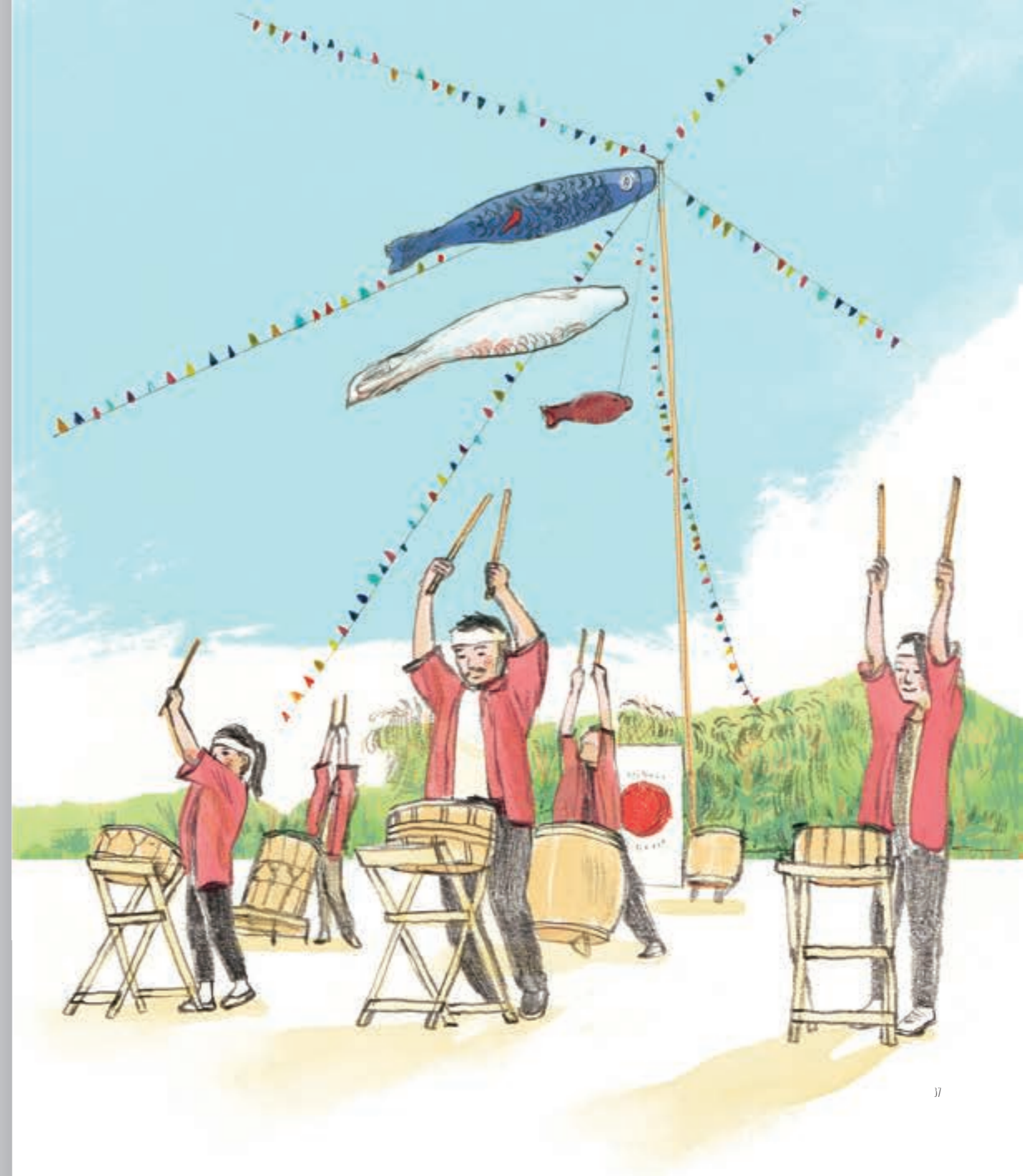


Os primeiros japoneses vieram no navio Kasato Maru, que chegou ao Porto de Santos em 1908, com mais de 700 imigrantes. Eles foram trabalhar principalmente nas fazendas do interior do estado de São Paulo.

Atualmente, Mogi das Cruzes tem uma das maiores colônias japonesas do estado. Os japoneses gostaram da temperatura amena daqui e da terra úmida e fértil, ótima para suas plantações. Algumas das famílias nipônicas que vieram para Mogi são os Haquihara, os Oshima, os Suzuki e os Suenagae. Hoje contamos com cerca de 16 mil nikkeis, a maioria vivendo em Jundiapéba e Cocuera.

Os japoneses trouxeram a cultura oriental para a vida da nossa cidade e hoje existem marcas profundas dessa presença na arquitetura, na agricultura, em edificações e esculturas. As marcas dessa cultura estão presentes em muitos lugares do município, no espaço urbano e na área rural; nas festividades e na culinária de Mogi.

Uma das festas mais importantes da nossa cidade é a Festa do Outono, ou Akimatsuri, celebrada pela colônia japonesa com o objetivo de agradecer a chegada da estação e da boa colheita. Essa festa acontece durante quatro dias no mês de abril.



O aluno Júlio Silva Turrini, do 6º ano D da Escola Profª. Josephina Najjar Hernandez, fez este poema sobre a luta do povo japonês como imigrante:

Os imigrantes japoneses  
Um povo sofrido para chegar onde estão  
Trabalhadores incansáveis, sem parar  
No passado, avante seguiram à vitória  
trazendo um exemplo  
para nós resultado de muitas glórias

Aprendemos muito com esses imigrantes  
Que nós brasileiros recebemos como itinerantes,  
Chegaram com um futuro incerto, mas à luta foram,  
E deu tudo certo  
Não sabiam falar conosco,  
Até que aprenderam o dialeto.



Ramon Susuki Oliveira, do 6º ano A da Escola Profª. Josephina Najjar Hernandez, também fez um belo poema. Ele fala sobre a alegria de encontrar um lugar perfeito para sua família morar:

Quando chegou em Mogi das Cruzes,  
Foi uma surpresa

Um povo aqui chegou  
Um povo que tudo por aqui mudou

Trazendo muita matéria bruta  
Desde hortaliças, flores e frutas.

Suas danças típicas e comidas  
Cada vez mais presentes  
No nosso dia a dia

Somos gratos a vocês  
Por toda dedicação pela cidade  
Pois tudo que fazem é feito com bondade  
Viva a imigração japonesa!



Os japoneses trouxeram técnicas novas de plantio que enriqueceram a dieta da população brasileira. Para se ter uma ideia, quase não existia verduras nos pratos paulistanos até a chegada dessa colônia ao nosso país.

Eles plantam muito, e foi tanta plantação que fizeram por aqui que em 1960 nasceu o Cinturão Verde Paulista, que envolve 73 municípios, dentre eles, Mogi das Cruzes, Suzano, Arujá, Biritiba Mirim, Guararema, Salesópolis e Santa Isabel, numa área de 1.611.710 de hectares.

Hoje, a produção do Cinturão Verde corresponde a 25% de todas as verduras colhidas no Brasil e a 90% das verduras e 40% dos legumes consumidos na cidade de São Paulo. Nesse cinturão são plantados alface, repolho, couve, acelga, chicória, salsinha, cebolinha, coentro, tomate, pepino, rabanete, escarola, cogumelos, lichia, mexerica, goiaba, caqui e muito mais. Ele é tão importante que em 1993 foi declarado Patrimônio da Humanidade e integrado ao Programa "O Homem e a Biosfera", da Unesco.





Tão vermelhinha essa terra do caqui  
É tão bonita minha Mogi!  
Os japoneses de olhos pequeninhos  
No anime de olhos tão grandinhos  
Vieram para nossa terra  
E aqui construíram grandes coisas  
Influenciaram na cultura local  
Esses japoneses são mesmo de alto-astral!

Vinicius Tavares Campanezi, 6º ano A da  
Escola Josephina Najjar Hernandez

Mogi, a cidade do caqui  
É o que tem mais aqui  
Mogi preserva o meio ambiente

Gabriela Costa Rocha, 9º ano W da Escola  
Prof. Francisco de Souza Melo

Tranquilidade mogiana

Mogi, conhecida como a terra do caqui  
Mas não é a única coisa daqui.  
Há muito mais pra se ver aqui.

Descoberta pelos bandeirantes  
A terra é deslumbrante  
Envolvida pela Serra  
E a flora é diversa.

No frescor das sombras das árvores  
Sossego e tranquilidade

Diego de Andrade Gonçalves, do 9º ano Z  
da Escola Prof. Francisco de Souza Melo



Yutaka Isoda é o pai da talentosa ilustradora deste livro, a Nara Isoda. Ele é arquiteto e sabe construir uma ponte bem especial, que liga as línguas japonesa e portuguesa com suas traduções e tradições. Traduzir é uma herança que Yutaka recebeu do pai e da mãe quando era criança.

Eles nasceram na cidade de Ise, província de Mie, entre Tóquio e Osaka no Japão. Imigrantes, seus pais foram convidados, em 1958, para dar aula de japonês aqui na cidade de Mogi. Yutaka e a irmã Yoko vieram juntos no navio.



Masakatsu Isoda e Hideyo Isoda foram trabalhar na Associação Cultural de Mogi das Cruzes Bunkyo, onde também cuidavam do alojamento estudantil para os filhos de agricultores que vinham fazer ginásio na cidade. Foi ali, e nas leituras cruzadas que vez entre o Brasil e o Japão, que o menino aprendeu a ser tradutor.

Yutaka gosta muito do aconchego que a colônia japonesa trouxe para o dia a dia de Mogi. Pode reparar, os descendentes de japoneses estão sempre sorrindo e conversando com quem encontram na rua.

Dois lugares de passagem obrigatória para japoneses que vinham para o centro de Mogi eram o Bazar Central, onde pegavam correspondência na sua caixa postal, e a Merceria Maeda, onde podiam comprar produtos japoneses que matavam um pouco a saudade da terra do sol nascente.

Já o Casarão do Chá é um lugar importante que guarda a herança da arquitetura japonesa no Brasil. Ele foi construído em 1942 no Cocuera, um dos bairros que concentram muitas famílias nipônicas.

## Festa do Divino

Todas as pessoas gostam muito dessa festa, que acontece desde 1769 na cidade. Virou um grande evento, e chega a atrair mais de 380 mil pessoas.

A aluna Leticia Cardoso de Oliveira, da turma da professora Fátima Aparecida Martins Lima no 6º ano da Escola Prof.ª Lucinda Bastos, vai todo ano com a família à festa. Ela e seus colegas de classe, além de verem o festejo, descobriram que a Festa do Divino Espírito Santo é uma maneira que as pessoas encontram para agradecer as graças recebidas.

E o aluno Bruno Henrique Souza da Hora Lopes, do 6º ano C, contou em versos o quanto ele gosta do Divino. Veja só:

Uma tradicional festa na minha cidade  
é a festa do Divino!  
que é cheia de festejos, cortejos e receitas.  
Ela envolve todo mundo,  
faz parte dela a caridade.  
Tem a entrada dos palmitos,  
o delicioso afogado,  
a procissão do Divino!





A festa dura onze dias, e a Entrada dos Palmitos é considerada um dos momentos mais marcantes. Ela homenageia a população rural, que chega na cidade para agradecer a colheita do ano.

E falando em colheita e alimento, quando vamos à Festa do Divino também gostamos de saborear as comidas encontradas por lá.

Afinal, como ninguém é de ferro e saco vazio não para em pé, uma hora o corpo cansa e provar uma das delícias, que é o Afogado, vira outro momento inesquecível para quem participa do Divino.

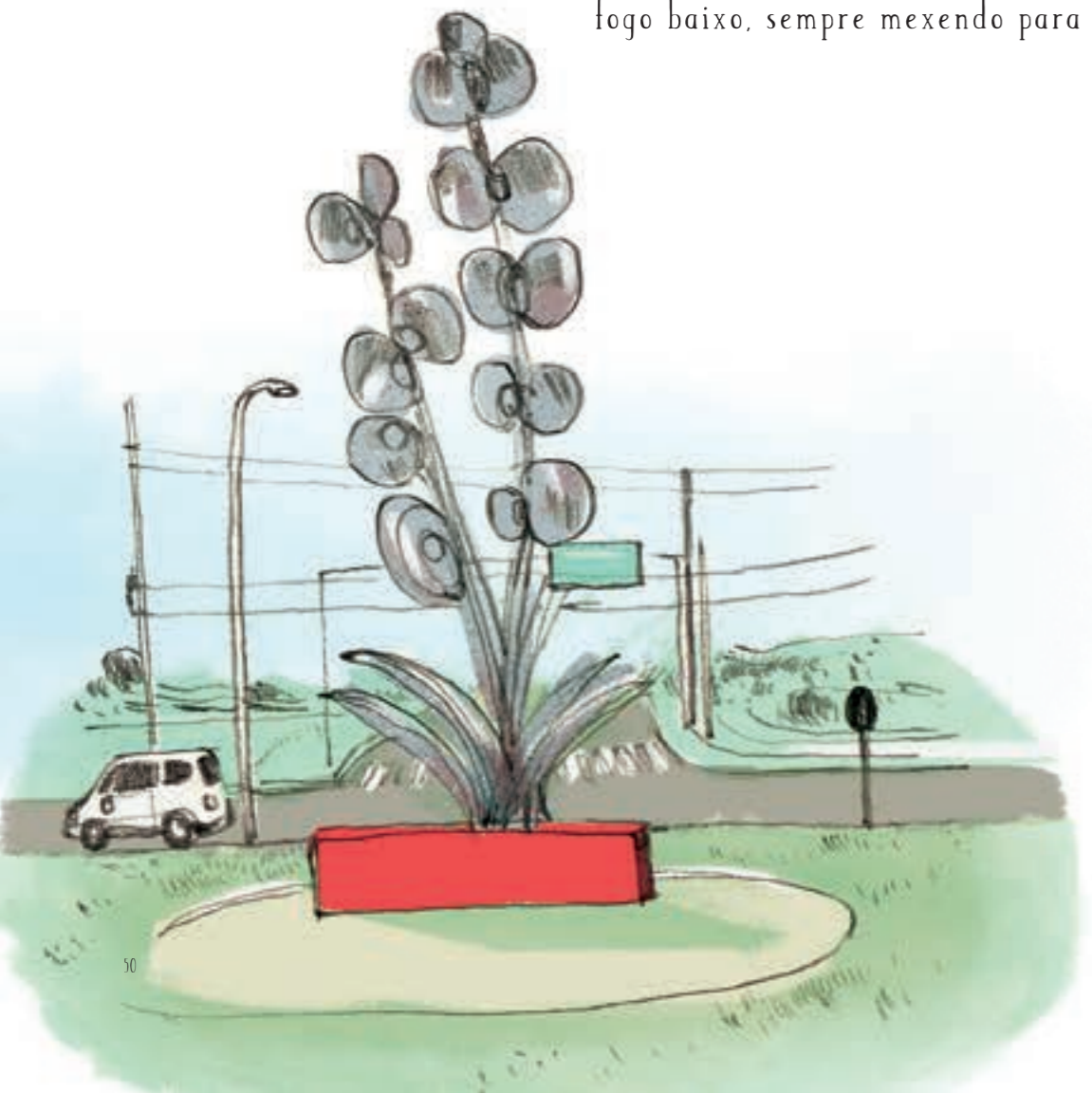
Um dos voluntários que ajudam a preparar essa comida é o Ronaldo Ortiz, que sempre gostou de acompanhar as procissões do Divino com seu cavalo.

Mas ajudar na barraca do afogado é outra história, e aconteceu na sua vida assim: primeiro ouvindo atento seu pai, que tinha ajudado um amigo que era voluntário da festa.

No ano seguinte, o pai do Ronaldo levou a família toda. E, como filho de peixe, peixinho é, Ronaldo começou naquele ano mesmo a ajudar nas tarefas mais simples da barraca, como servir as pessoas.

Ele conta como é a receita desse caldo dos tropeiros. Diz que começa a ser preparado desde manhãzinha, pois o cozimento dura oito horas!

Para começar, aqueça uma panela com um pouco de óleo e acrescente a carne bovina cortada em cubos. Coloque cebola e alho picados e deixe cozinhar em fogo baixo, sempre mexendo para não queimar.



Depois de uns 40 minutos, ponha tomate, pimentão, jiló, salsão, salsinha, sal e pimenta-do-reino branca. No meio dessa fervura, coloque as batatas. Quando estiver pronto, espere descansar para o óleo subir. Depois retire o excesso e sirva com farinha de mandioca. É uma delícia!



## Escultores da cidade – Lúcio e Rodrigo Bittencourt

Davi Figueiredo Melo mora no bairro do Botujuru e é aluno da professora Maria Aparecida Moreira Martins no 6º ano Z da Escola Prof. Francisco de Souza Mello. Ele contou que no seu bairro moram dois artistas muito conhecidos que têm suas esculturas nas praças, nos parques e nas avenidas da nossa cidade. Acompanhe o relato de Davi:

Uma que eu gosto muito é a do Basquete, que fica perto do shopping, e a Orquídea, que fica na Avenida das Orquídeas.

A casa deles é grande e muito legal porque tem um pátio com contêineres, estátuas e um guincho, e é ali que a escultura do Índio Botujuru está. Além do Cavalo Alado e da réplica do Ford 1951, da Siderúrgica Mogiana.



Essa história começou quando Lúcio era criança, ainda mais novo do que Davi. Ele sempre construía alguma coisa com todo graveto de madeira que encontrava na rua ou no quintal da sua casa. Mais tarde, aos dez anos, suas construções ficaram mais elaboradas e um caminhão feito com lata de óleo e caixa de madeira levou o menino para o caminho da arte.

Lúcio cresceu, e já adulto virou escultor profissional. Além de espalhar suas obras por todo canto, gosta de receber os estudantes em seu ateliê. Lá vive cheio de crianças das escolas públicas, que conversam com ele e também veem de perto seus trabalhos. É ali que muitas vezes as crianças têm contato com o universo da arte pela primeira vez.



Os alunos da Escola Prof. Francisco de Souza Mello resolveram fazer uma entrevista com Lúcio. E souberam que outra criança que também xeretava ali no ateliê trilhou o caminho da arte: seu filho Rodrigo.

Os dois artistas ora trabalham juntos, ora sozinhos. E os dois gostam de fazer esculturas usando as sobras deixadas pelas indústrias. A sucata vira arte.

Eles preferem expor seus trabalhos ao ar livre, fugindo da tradição de que obras de arte só ficam dentro de museus e galerias. E assim, no meio das pessoas, da chuva e do sol, elas viram arte urbana.

Esse é um jeito bem antigo de mostrar a cultura de um lugar e possibilita encontros com obras de arte enquanto transitamos pela cidade.

Arte e educação são ferramentas poderosas de transformação social e de mudança, são caminhos para uma sociedade melhor.

Em 2020 e 2021, em decorrência da pandemia, muitas manifestações artísticas não puderam acontecer, mas as esculturas, que estão sempre presentes em grandes espaços abertos, continuaram a ser apreciadas pelas pessoas que precisavam sair de casa, pois arte na rua é sem fronteiras, é comunitária, assim como a natureza, que inspira todas as pessoas desde que o mundo é mundo.



## Parque Centenário



O Parque Centenário da Imigração Japonesa é um dos lugares de Mogi onde as crianças mais se divertem, pois lá elas fazem piqueniques, brincam com amigos, encontram parentes e também macaquinhos, patos, peixes e carrinhos de pipocas.

Criado em 2008 para comemorar os cem anos da imigração japonesa no Brasil, o Parque faz parte da Área de Proteção Ambiental da Várzea do Rio Tietê. Em seus 215 mil metros de área, há quatro lagos com pontes flutuantes, um museu que retrata a história dos imigrantes e muitas outras atrações.



A professora Miriam Yukie Himeno Oliveira, da Escola Professor Francisco de Souza Mello, reuniu as histórias que as crianças contam de lá e fez seus alunos e alunas virarem poetas!

Foram muitos textos feitos sobre esse tema, um mais bonito que o outro. Como foi difícil escolher um para colocar aqui, escolhemos dois!

Parque Centenário

Amor e harmonia  
Paz e alegria  
É com os macacos engraçados  
Nos sai um belo sorriso estampado.

É lá nós temos uma riqueza  
Que é chamada de mãe natureza  
Temos uma bela fauna e flora  
É irã se encantar agora

Evelyn Carolina Lourenço Marques, 9º ano Z

Minha cidade amada

Moro em Mogi e fui para um parque  
bem próximo daqui.  
No Parque Centenário  
Passei momentos hilários.  
A família reunida  
disso vou lembrar  
por toda a vida.

Divertidas são as lembranças  
De quando eu era criança  
Passeávamos, observando  
As árvores e os macacos.  
Os lagos com patos  
e o céu com pássaros.  
As flores formosas  
brancas e rosas.

Kaylane Casarejos Gavazzi, do 9º ano W

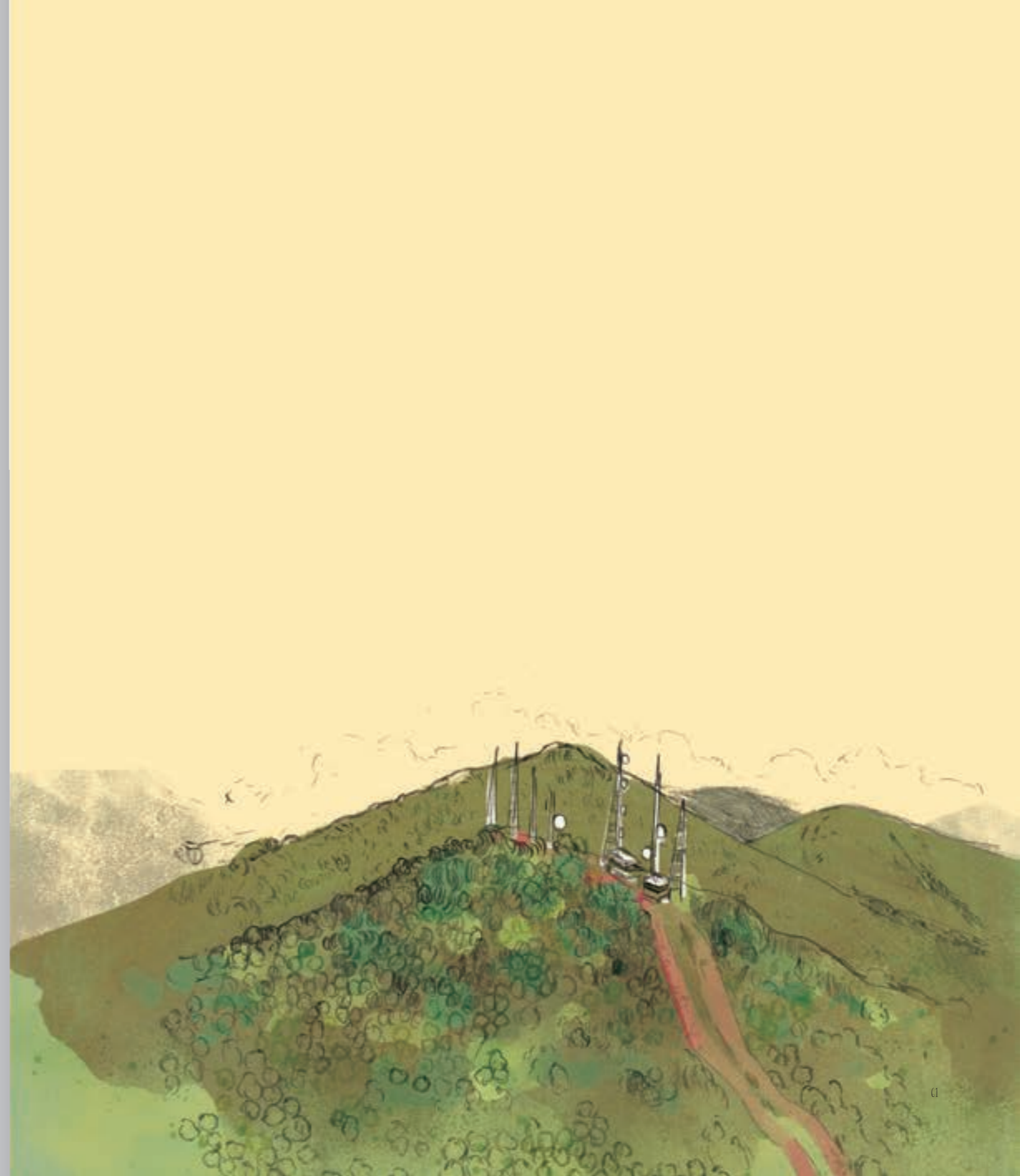




Já a Graziela Costa Saturnino, aluna da professora Miriam Yurie no 9º ano Z da escola Professor Francisco de Souza Mello, nos conta que teve uma tarde inesquecível de feriado por lá:

Fui ao Parque Centenário com meus avós e neste dia vimos algo muito diferente de se ver. Estávamos caminhando, e de repente presenciávamos várias pessoas com câmeras na mão e admiradas. Com tamanha curiosidade fomos ver o que era... Eram macacos!

Essa história e muitas outras, as crianças trouxeram nas suas escritas muito afetivas sobre o Parque, que, se ainda não é centenário, é um jovem que encanta a todos!



## A natureza, nosso maior patrimônio

No período da pandemia da Covid-19, quando este livro foi produzido e ficamos sem ir à escola e a tantos outros lugares, caminhar em uma área aberta, no meio da natureza, foi o que as pessoas mais sonharam em fazer. Para relaxar, movimentar o corpo, equilibrar-se, ficar perto das flores e árvores

E por falar em árvores, você sabe quais espécies são “vizinhas” das nossas casas, moradoras da Serra do Itapeti desde que o mundo é mundo?

O aluno João Pedro Alves, do 6º ano E da Escola Prof. Francisco de Souza Mello, que recentemente se mudou para o bairro Botujuru, fala com muito orgulho desse lugar.

No começo ele estranhou, porque o bairro é longe do centro da cidade, mas logo entendeu que as vantagens de morar em um lugar movimentado podem ser trocadas por outras. É um presente estar do lado da natureza, que está ali há milhões de anos:

Da janela da sala de leitura da minha escola é possível ver uma vasta mata que, se não me engano, é parte da Serra do Itapeti. No caminho para a escola, percebi que o Botujuru tem plantações de cogumelo e é bem afastado do centro. Meu novo bairro tem uma bela paisagem e, por ser uma área úmida, os imigrantes japoneses descobriram que é muito boa para o plantio.

Nós sabemos o nome dos nossos colegas, de todas pessoas da nossa família, dos vizinhos, dos artistas, de gente famosa e de gente nem tão famosa assim. E das plantas que fazem parte da nossa vida, você sabe?

Conhecer as espécies que existem na nossa cidade, seus nomes e características, é muito interessante, pois permite entendermos um pouco da dinâmica da natureza ao nosso redor. Afinal, elas vivem sem a gente, mas a gente não vive sem elas.



O professor de biologia Vinicius Trettel sabe o nome de (quase) todos os seres vivos das florestas e das serras daqui de Mogi, e ensina os estudantes a admirar e respeitar as belezas naturais.

Vinicius nos contou que uma das coisas mais interessantes de Mogi é que a cidade fica num corredor entre duas serras: a Serra da Mantiqueira e a Serra do Mar. Isso faz com que árvores que vivem num clima frio, como as araucárias, convivam com outras como as palmeiras Jussara, que gostam de um clima mais quentinho. Esse encontro harmonioso de vegetações diferentes torna única a paisagem de Mogi!



Uma das espécies nativas de Mogi que Vinicius adora é a quaresmeira. Ela tem esse nome porque suas flores costumam brotar justamente na Quaresma, os quarenta dias seguintes ao Carnaval. E quaresmeira é tão comum na Serra do Itapeti que nesse período sua paisagem troca de cor, e se veste de roxo com suas flores.

Aliás, as ruas da cidade também vivem um pouco desse fenômeno, por causa de uma boa ideia que alguém teve de plantá-las nas calçadas de muitos bairros para trazer beleza ao espaço urbano.

Antologia poética

Aqui nós temos natureza  
Botujuru é só beleza  
O sol no céu brilha  
Até parece magia

Temos a Serra do Itapeti  
Existem muitos animais ali  
De manhã é neblina  
De tarde, o sol ilumina

A natureza é importante  
Mais preciosa que um diamante  
Esta cidade é muito elegante  
Por isso tem muitos habitantes

Kauan Victor de Camargo Torres,  
9º ano W, professora Miriam Yukie,  
Escola Prof. Francisco de Souza Mello

Nosso Botujuru

O sol aqui raia forte  
Iluminando um lindo dia  
Acordando a todos com sorrisos  
Uma obra-prima

Nas árvores, os pássaros cantam  
Na terra dançam  
No ar nos encantam

É bom acordar e olhar o céu azul  
Devemos agradecer a Deus por ter dado  
O meu e o seu Botujuru.

Arthur Gomes da Silva Cruz, 9º ano W, professora  
Miriam Yukie, Escola Prof. Francisco de Souza Mello





Você já parou para pensar na quantidade de coisas que cabe dentro de um campo de futebol profissional? Pois esse é mais ou menos o tamanho de um hectare, unidade que se usa para medir terrenos. Agora imagine 5.200 desses campos juntos: é quanto mede a nossa Serra do Itapeti, espalhada pelos municípios de Mogi das Cruzes, Suzano e Guararema.



Além de sua grandeza, esse pedaço de natureza vive em festa todos os dias. Imagine a barulhada que faz juntar 32 espécies de anfíbios, 185 de aves e 24 de mamíferos? Fora a turma dos bichos silenciosos (pelo menos aos nossos ouvidos), que conta com 245 espécies de borboletas, 165 de formigas e 83 espécies de aranhas. E essas são só as espécies conhecidas e catalogadas na Serra, pois, num ambiente natural com essa riqueza, as descobertas nunca têm fim.

Entre as espécies de plantas, são pelo menos 308 que vivem na Serra do Itapeti. Uma delas é o pouco conhecido cambuci, que é uma fruta típica da região e faz parte da dieta de muitos animais. Como já desapareceu de boa parte dos locais em que era habitual, o cambuci é considerado um símbolo da preservação no Parque Natural Municipal Frederico Affonso de Mello, que protege parte da Serra do Itapeti.





## Sagui e outros bichos

Crianças aprendem sobre o mundo se movimentando. Quando param para pensar sobre o que viveram, muitos elementos dessa jornada aparecem. Foi o que aconteceu com Celso Godoi de Oliveira Junior, aluno da professora Miriam Yurie no 9º ano W da Escola Prof. Francisco de Souza Mello, que nos conta suas aventuras na natureza:

Uma vez, fui de bicicleta com meus primos numa trilha e achamos alguns macaquinhos. Um dos meus primos foi olhar para o macaco e acabou caindo de bicicleta. Nós rimos muito. No meu bairro temos muitos animais silvestres, como pássaros, lagartos, capivaras e macacos. Sempre que vou andar de bicicleta, fico com um pouco de medo porque vejo coisas se mexendo lá, mas no fim das contas é só um animal.

Como crianças são “bichinhos” que não param quietos, elas se encantam com os saguis da região. Quem vê suas carinhas logo se apaixona. Parece que passaram uma maquiagem e foram para a mata festejar a vida.

A bióloga Maria de Fátima Oliveira foi uma pioneira em descobrir, junto com seus colegas cientistas, que a Serra do Itapeti é a casa de bandos de sagui-da-serra-escuro:

A gente percebeu que ninguém havia registrado que eles vivem em Mogi. Então, em 1996, nós publicamos um artigo sobre a existência dessa espécie aqui. E foi o primeiro registro da ocorrência dele no município.

Mogi e sagui dão boa rima!

Os saguis, assim como todos os bichos, trabalham muito para a preservação da natureza. Sabe como?

Todos os dias, eles trabalham como jardineiros junto com os pássaros e os morcegos, acredita? É modo de falar, pois eles espalham sementes de alguns frutos de que se alimentam e, com isso, acabam ajudando a fazer a manutenção das florestas.

Também contribuem na manutenção da população de insetos ou controle deles, pois esses bichos acham delicioso comer um inseto logo cedo todos os dias.

Os saguis se alimentam também de frutos, flores, ovos pequenos, anfíbios, fungos e até resina de árvores que eles arranham com os dentes nos meses de frio.

Essas resinas são as doceiras desses macaquinhos, pois é no inverno que eles consomem esse delicioso açucareiro que fica nos troncos das árvores.

Os saguis gostam de viver em turmas com oito a dez macaquinhos, e o casal sempre divide as tarefas do dia a dia de seus filhotes: são carregados pelo pai e alimentados pela mãe, que dita as regras do lar e geralmente dá luz a gêmeos!



## Orquídeas

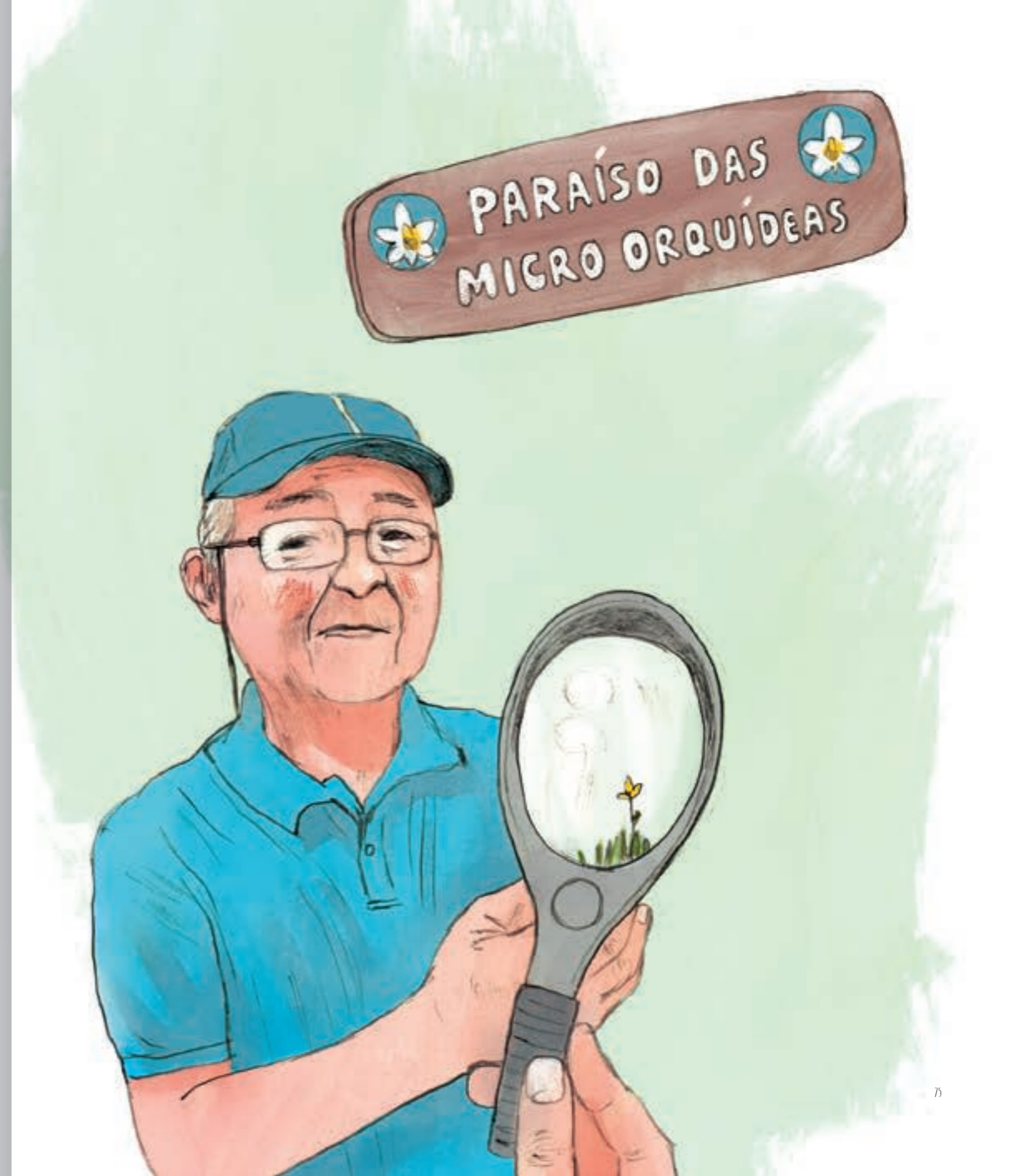
Uma flor que sempre viveu aqui em Mogi é a orquídea.

As orquídeas são encontradas praticamente em todo o planeta e gostam da sombra e da água fresca que encontram nos troncos das árvores. Formam ali verdadeiros "condomínios verticais" para morarem a vida toda!

Elas têm formas, tamanhos e cores bastante variadas e, como são muito delicadas, quando aparecem em um pedaço da floresta, é sinal de que a região está bem preservada.

Filho de imigrantes japoneses, Masuji Kayasima é um ecologista, pesquisador autodidata e orquidólogo especializado em pequenas joias da natureza: as micro orquídeas.

Ele tem uma coleção considerada a maior do mundo dessas plantinhas. São mais de 10 mil flores, pertencentes a oitocentas espécies diferentes que, de tão pequenas que são, só podem ser vistas de verdade com uma lupa. Sim, uma lupa que Masuji gentilmente entrega para todos que visitam seu sítio.





Ele inventa os nichos mais criativos do mundo para elas ficarem, além de dependurá-las em árvores. Alguns exemplos de onde ele instala as micro orquídeas são sabugos de milho e até mesmo buracos dos ossos de animais!

E não é só de orquídeas que entende o sr. Masuji. Em uma das ações que demonstram sua importância para nossa cidade, ele semeou centenas de mudas de palmito Jussara no Parque Natural Municipal, reintroduzindo a espécie que era originalmente abundante mas havia sido quase extinta na região quando a área do parque não era protegida.

Masuji, desde criança, já regava as quinhentas orquídeas da sua mãe. Seu sonho de se dedicar a preservar a natureza nasceu ali e o acompanhou a vida inteira.

Sua trajetória preservacionista é tão bonita e marcante que uma nova espécie de orquídea descoberta em Mogi foi batizada com seu nome. Assim, entre os seres vivos da natureza, existe agora, simbolicamente, um Masuji em forma de planta. É mesmo uma bela e merecida homenagem, você não acha?

Quanta informação interessante sobre a natureza de Mogi, não é? Mas importante mesmo é saber que sua presença em torno da nossa cidade é fundamental por vários motivos. Uma natureza ampla e equilibrada garante, por exemplo, que a água que bebemos e usamos para tantas funções continue abundante. E também que o clima da região continue agradável.

E, para isso, existe um livrinho de regras e ações de cada cidade, escrito por especialistas que dizem como a natureza dali deve ser cuidada e preservada.

Esse livrinho se chama Plano de Manejo. E quando temos um plano, o que fazemos com ele? Arregaçamos as mangas e vamos em frente para executá-lo. Preservar a natureza é dever de todos, desde crianças.

Afinal, toda cidade tem que preservar suas áreas de natureza para garantir que continuem oferecendo qualidade de vida para sua população no presente e no futuro!



#### Agradecimentos

Amanda Fernandes da Silva Almeida, Ana Cristina dos Santos Siqueira, Denise Vieira de Moraes Indena, Maria Aparecida Alves S. de Moraes, Vanderlei de Souza, Vinicius Trettel Rodrigues e os diretores das escolas que desenvolveram os conteúdos para o livro: Eliane Adalcina de Freitas, Maria Angélica Calderaro, Marilisa San Fing Nan e Valdenis Vicente da Silva.

Edição: Otavio Nazareth

Pesquisa, texto e edição da produção dos estudantes: José Santos e Selma Maria

Projeto gráfico: Daniel Brito

Assistente de design: Isac Barrios

Ilustrações: Nara Isoda e Olavo Costa

Revisão: Elvis de Moura Freire, Eva Pereira da Rocha e Maria Fernanda Alvares

Produção editorial: Renata Sizilo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha elaborada segundo a AACR2r

---

S237c  
Santos, José.  
Mogi das Cruzes : a cidade da gente / organização José Santos e Selma Maria ; ilustrações Nara Isoda e Olavo Costa — São Paulo : Olhares, 2021. 90 p. : il. color. ; 25 cm.

ISBN 978-65-88280-14-0

1. Literatura infanto-juvenil. 2. Escolas. 3. Patrimônio cultural 4. Mogi das Cruzes (SP). 5. Natureza. 6. Cidades. I. Maria, Selma. II. Isoda, Nara. III. Costa, Olavo. IV. Título.

CDD 028.5  
CDU 82-93

---

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Renata Fernandes Veloso Baralle — CRB-8/10366

patrocínio



produção executiva

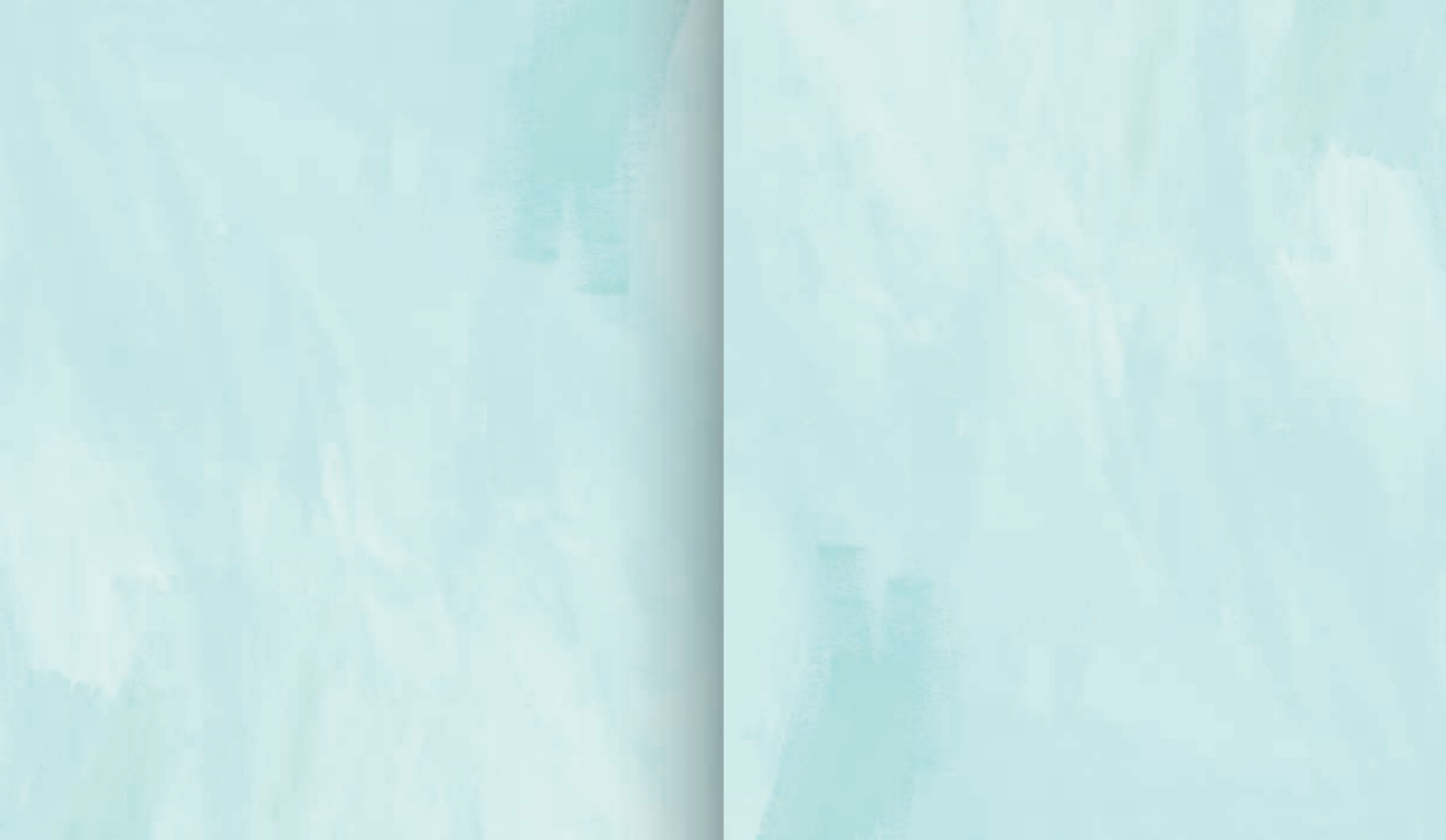


realização



© 2021 Editora Olhares e autores.

Este livro foi impresso pela gráfica MaisType sobre papel offset 120g em junho 2021.



Era uma vez Mogi das Cruzes. Um dia a gente que morava lá percebeu que a história da cidade era a sua própria história... O centro histórico, a festa do divino, a serra do Itapeti, os imigrantes japoneses e outros patrimônios materiais e imateriais fazem parte dessa história, contada com a ajuda das crianças da cidade.



patrocínio

produção executiva

realização

